

PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

*Uma visão do Universo, da Terra, do Fenômeno Humano,
de Deus e de como tudo e todos interagem e se integram
em um todo que perpetuamente se transforma e evolui¹*

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Uma lembrança antes do começo

¹ Idéias originalmente tomadas de um pequeno livro: ***O pensamento vivo de Teilhard de Chardin***, da Editora Martins Claret, São Paulo, sem data. As indicações de citações suas, salvo indicação em contrário, provém deste livro e, serão indicadas apenas pelo número da página em negrito.

Certa vez, depois de anos e anos, reencontrei um querido amigo dos tempos da Juventude Universitária Católica. Começamos uma conversa de quem volta aos “velhos tempos”. E no momento mais adiante, quando começamos a passar das lembranças para as confidências, eu perguntei ao Márcio Valério: “Márcio, feitas as contas, hoje, no que é que você acredita mesmo”.

Ele não demorou muito a responder. E me disse: “olha, Carlos, de tudo o que eu acreditava naqueles “velhos tempos” (ele falava do começo da década dos anos sessenta) eu hoje acredito dó em duas coisas: 1ª. Tudo o que existe está mudando; 2ª tudo o que munda tem um sentido”.

Muitos anos depois – pois nossa conversa deve ter sido em algum dia dos anos oitenta – eu penso que meu “Credo” não é muito diferente do de Márcio Valério. E creio mais. Creio que se Pierre Teilhard de Chardin tivesse que resumir em duas breves frases aquilo em que ele crê, provavelmente elas não seria muito diferentes. Apenas creio que ele acrescentaria uma terceira, a respeito da qual Márcio Valério e eu silenciamos naquele então: “e eu creio que se tudo muda e se toda a mudança tem um sentido... este sentido está em Deus’.

As ideias fundadoras do pensamento de Teilhard de Chardin

1º. Teilhard de Chardin propõe uma nova e renovadora “visão de mundo”. Melhor ainda: uma nova “visão do todo de tudo”. Ele estabelece uma ousada compressão deste todo, a partir de seu trabalho como geólogo e, mais ainda, como paleontólogo – o antropólogo estudioso das origens da espécie humana na Terra. Sua compreensão do Universo, da Terra, da Vida na Terra e do *Homo* – o Ser Humano na Terra em nada deve ser compreendida em todas as suas dimensões como um sistema estático, totalizador e fechado. Ao contrário, partindo da ideia de que tudo o que existe é proveniente de transformações antecedentes e perenemente se transforma a si-mesmo, Teilhard de Chardin abre seu próprio sistema a outras visões, a críticas e até mesmo a superações. Sua pesquisa deve ser lida e compreendida como a busca de um sistema que mesmo fundamentado em “leis” de uma grande amplitude no tempo e no espaço, abre-se a uma interpretação crítica e à sua própria transformação.

Assim, o que ele propõe não aspira ser “um esgotamento da verdade”, mas algo que se apresenta como *linhas de penetração pelas quais se entreabre diante de nossos olhos uma imensidade do Real, que ainda não foi explorada.* **11**

2º. Sua visão pretende abarcar interações e integrações que – sobretudo em seu

tempo – em várias dimensões dificilmente poderiam ser “cientificamente comprovadas”. A começar pelo fato de que Teilhard de Chardin não crê que as ciências da natureza e do homem (como um ser da natureza) poderão avançar através de uma abordagem apenas e cada vez mais especialmente analítica. Somente uma abordagem de síntese, capaz de reunir e fazer interagir as descobertas das várias descobertas analíticas poderá representar um passo adiante. É este “passo de síntese”- ou este voo do olhar - o que ele pretende dar.

3º Da matéria e da energia ao mesmo tempo cósmicas e terrenas brota a vida, e com a vida a consciência se expande. Da vida surge a esfera em que a consciência passa de reflexa (como nos outros seres do reino animal) a reflexiva: o homem sabe e sabe que sabe; ele sabe e se sabe sabendo. Assim, o consciente transcende o inconsciente do mesmo modo como o reflexivo transcende o instintivo. A consciência reflexiva gera o pensamento e a reflexão torna-se uma propriedade inesgotável: *consciência e reflexão não esgotam jamais as reservas psíquicas que elas ordenam segundo uma perspectiva centrada.* **13.**

4º. Uma vez existente...

... o fluxo essencial da Vida evolui sempre no sentido da consciência e da reflexão, de modo que até se pode dizer que a forma superior de existência e o estado final de equilíbrio, para o Estofa Cósmico - o Real - consiste em ser pensado. (Tudo quer ser pensado) 13.

Não o pensamento analítico-dedutivo das ciências positivistas, mas um pensar intuitivo-compreensivo. Um pensamento que na expansão da consciência cada vez mais torna abrangente, profundo, complexo, holístico (no sentido “teilhardiano” da palavra... que ele não usa). Um pensamento-compreensão-comunhão que se realiza não como domínio do conhecido, mas como amorosa e generosa comunicação entre conhecedor-e-conhecido.

O FENÔMENO HUMANO

5º. Uma física da exterioridade, dividida entre os opostos do infinitamente grande (teoria da relatividade) e o infinitamente pequeno (teoria dos quanta) precisa dar lugar a um terceiro elemento integrador dos dois extremos. Uma física da interioridade que acrescente o dado da complexidade como uma variante da

simples dimensão. Apenas com este olhar sobre “o dentro das coisas”, ou dirigido ao “estofado do Universo” será possível abarcar o todo do Real (objetivamente) e a totalidade da experiência do conhecer-compreender (subjetivamente).

A realidade do existente não se divide apenas entre coisas e seres “grandes” ou “pequenos”. Ela se reparte entre seres mais simples e mais complexos. A diferença entre seres muito simples e seres muito complexos é tão grande e relevante como a distância que mede as diferenças atômicas e as estelares.

É portanto rigorosamente, e não metaforicamente, que se pode falar em Ciência de um “terceiro infinito” – construindo-se a partir do Ínfimo, no Imenso, ao nível Médio: o infinito, repito, da Complexidade. 13.

6°. Acrescentar o fundamento da *complexidade* a uma compreensão do Real, de dentro para fora, significa a possibilidade de finalmente fazer se corresponderem e interagirem a Física, a Biologia, a Neurologia, a Psicologia. Fenômenos próprios à matéria-energia em sua realização como Vida e, no caso do ser humano, como Vida Consciente Reflexiva, permite incorporar a domínios desde onde até agora esteve ausente, fenômenos como a consciência, a inovação, a liberdade, a reciprocidade.

Por que não admitir em princípio que a Consciência negligenciável, é a propriedade particular e específica dos estados ordenados da Matéria? Esta propriedade talvez seja inobservável e, portanto praticamente negligenciável, em valores pequenos – mas é gradualmente emergente e por fim dominante, nos altos valores da Complexidade! 13.

7°. Assim “todo elemento ou partícula cósmica” simbolicamente se comporta sobre dois focos: um foco de ordenação material, e um foco de psiquismo, de ordenação a consciência.

Na pré-vida – zona das complexidades ínfimas – como nos átomos e moléculas a presença do dado da consciência é ínfimo e pode ser considerado quase nulo.

Na vida-pré-humana – zona das complexidades médias – uma consciência reflexa está presente em níveis bem mais complexos, mas influencia ainda pouco o crescimento do psiquismo que mantém-se pré-simbólico e dominado pelo instintivo.

Na esfera do Ser Humano – zona das complexidades imensas – a consciência reflexiva impele o psiquismo a tornar-se dominante no plano das transformações do ser, ensejando a presença de formas elaboradas e transformáveis de

pensamento de criatividade, de autonomia e de liberdade, enfim.

8°. No processo sempre ascendente e progressivamente complexo e complexificador de todas as transformações da matéria-energia unidades do existente não apenas se desdobram do mais ínfimo – como as partículas subatômicas e os átomos que elas constituem a toda a imensidão ilimitada do Universo – mas interiormente se complexificam. Da mesma forma como este processo do “estofa das coisas” torna possível o existir e o se unir e diferenciar dos átomos que constituem a matéria inanimada (mas “viva”, ativa e dotada de consciência em seu nível próprios) assim como também das células que formam tecidos e dos tecidos que se ordenam complexamente em tecidos, em órgãos, em organismos, na esfera da vida.

Há muito que os astrônomos discutem a hipótese de um Universo em vias de expansão no Imenso. Por que não falar, com a mesma autoridade científica e com uma maior verdade ainda, de um Universo em curso de enrolamento no Complexo? 14.

Se isto é verdadeiro, podemos imaginar um Universo que ao se expandir “enrola-se sobre si mesmo”, torna-se cada vez mais, em tudo, no todo e em todos, mais interativa e integrativamente complexo e, portanto, dotado cada vez mais de esferas de espiritualização, de consciência. Falar então de um “psiquismo do Mundo” não é uma metáfora.

Pois, se de um lado, a extensão explosiva da Matéria no Espaço pode perfeitamente nos informar sobre a distribuição das galáxias e das estrelas; por outro lado, um processo de complexificação e contração do Estofa Cósmico sobre si mesmo permite-nos, em compensação, acompanhar e registrar, com a granulação crescente do Estofa, a ascensão correlativa da interiorização, ou seja, do psiquismo no Mundo. E esse deslocamento simultâneo no Orgânico e no Consciente pode muito bem ser o movimento essencial e específico do Universo. 15.

9°. O fato essencial não está apenas no reconhecimento do fenômeno da complexificação do existente, mas em seu desdobramento. Em uma marcha ascendente que leva a matéria-energia “complexificar-se irreversível e ascendentemente sobre si mesma. Uma vez gerado o complexo ele obriga a geração de existências cada vez mais complexas. E esta progressiva ordenação

superior da matéria-energia desdobra-se em um crescendo de consciência, de reflexão, de espiritualização, de passagem do físico ao biológico, do biológico ao psíquico, do psíquico ao espiritual.

10°. Até mesmo um exteriorizado “tempo físico” desdobra-se em um interiorizado “tempo biológico”. E os espaços opostos e separados de uma “física d exterioridade” transformam-se em desdobramentos em direção ao outro, à integração e à partilha.

Notemos que, nessa perspectiva, o corpo de cada ser vido, ao invés de limitá-lo ao interior do Universo (toda partícula cósmica – por mínima que seja – é rigorosamente coexistensiva à totalidade do Espaço e do Tempo) é bem pelo contrário, expressão e a medida da sua interioridade e da sua “centreidade”. 16.

11°. Em um Universo tão aparentemente dominado pela matéria inanimada, a que constitui na Terra a *litosfera*, a Vida poderia aparecer como um fenômeno fortuito, ocasional, extremamente raro e potencialmente frágil.

Teilhard de Chardin nos convoca a inverter de maneira radical esta visão. A Vida não é fortuita. Ela é o resultado inevitável do desdobramento e da progressiva complexidade com que – aqui na Terra e em quantos outros mundos – a própria matéria-energia se complexificam, quando olhada “de dentro para fora”.

A vida é “porção vitalizada da Matéria”. Ela não é nem o acaso e nem uma anomalia “*mas corresponde, pelo contrário, ao eixo mais central e mais sólido (ou, se preferirmos, ao próprio “ápice”) do redemoinho, do “vórtice” cósmico.* 17.

A Vida e, com ela, o Pensamento constituem por toda a parte uma pressão sobre a matéria-energia “esperando apenas uma ocasião favorável para emergir”. E, uma vez imersa ao plano do que existe, a Vida prossegue a sua trajetória irreversível em direção a mais Vida, isto é, a uma progressiva e ascendente marcha em direção a uma sempre maior expansão de complexidade, consciência, espiritualização.

A Vida é coextensiva à matéria, que cosmogenicamente preparou-se entre o fluir de eras cósmicas na Terra para o surgimento da própria Vida, a Vida é, ao mesmo tempo, uma realização da matéria em um grau bastante diferenciado de complexidade e de liberdade, portanto. Mas ela a, ao mesmo tempo um quase inverso do que usualmente é dito sobre a relação vida-matéria. Ela não é um feixe de interações entre os outros componentes de matéria-energia aqui na Terra.

Ao contrário, a Vida surge no mundo como o fluxo de todo um processo cósmico.

Sabemos, por exemplo, que sobre uma Terra-jovem, em processo de esfriamento da “bola de fogo” que foi, o bombardeio de incontáveis meteoros e cometas carregados de água possivelmente terá respondido pelo surgimento dos oceanos e de toda a água de que depende a Vida para existir aqui.

Repetir a conhecida sentença de que nós, os humanos, somos “poeira de estrelas” nada tem de metafórico. Somos, não apenas nós, mas todas as formas de Vida na Terra, seres em sucessivos momentos semeados na Terra por germens de Vida provenientes do espaço sideral.

A Vida, que realiza no homo não o seu lugar central, mas o seu ponto axial, e que se consuma e segue se transformando e evoluindo ascendentemente na consciência reflexiva e na mente humana, não é de modo algum uma “obra do acaso”, um “acidente da natureza”, mas o resultado de todo um contínuo de transformações que em todo o fluir cósmico - do mais-micro ao mais-macro – chegaram da mais primitiva matéria até a própria complexidade da Vida.

O ápice desta expansão se realiza no ser humano. No que Teilhard de Chardin prefere chamar de *O Fenômeno Humano*. No *Homo*. E este último termo – homo – será repetidamente empregado aqui com o mesmo sentido que dá a esta palavra Marcos Arruda, em sua trilogia de livros, iniciada com *humanizar o infra-humano*. *Homo*, o nome greco-latino que nos qualifica como espécie *homo sapiens sapiens* lembra a nossa unidade: homem-mulher como iguais em suas diferenças. Assim, evitamos o uso da palavra *homem* para designar o *Ser Humano* genericamente. O lugar do homo é um ápice, uma culminância não acabada ainda de realização, nunca num centro do Cosmos e da Vida, que desloque tudo o mais para posições de periferia.

12º Procuremos ver e compreender o que se passa aqui no Planeta Terra. Compreendido todo o processo do que aconteceu e continua sucedendo “de dentro para fora”, podemos imaginar que por bilhões de anos a matéria-energia de um planeta inicialmente incandescente e absolutamente hostil à Vida, preparou em sua *Litosfera*, passo-a-passo, através de sua partilha em todo um processo de *Cosmogênese* (gestação material e energética do Cosmos), a emergência da Vida. O surgimento da Vida na Terra resulta de um longo e ascendente processo não apenas de surgimento de uma outra forma de organização da matéria-energia, com a criação ascendente de seres autorreguláveis e dotados de crescentes vocações de interação entre eles e com o seu ambiente, mas com a criação, através da Vida, de uma verdadeira outra camada, de uma outra esfera do existente: a *Biosfera*.

A vida não apenas surge na Terra.

A Vida não é um acaso resultante de acasos sucessivos entre as águas e terra da Terra. Vinda do espaço ou em erguendo aqui mesmo, a vida se semeou e foi semeada na Terra. E, uma vez surgida em uma Terra que se preparou para a sua semeadura, a Vida transforma a Terra inteira com o seu surgimento. A *Litosfera* e a *Biosfera* interagem continuamente e, em dimensões diferentes da matéria-energia, elas duas se completam, convergem e podem ser compreendidas como um mesmo fluxo do real organizados em formas diferenciadas de complexidade e consciência.

13°. O passo seguinte e resultante da progressiva complexificação da matéria-energia tornada agora Vida, é a geração de seres vivos cada vez mais complexos. Seres surgidos e evoluídos ao longo de milhões de anos cada vez mais interiormente desenvolvidos. Desenvolvidos porque cada vez mais organizados, internamente e interativamente, em e entre esferas cada vez mais diferenciadas, abertas e flexíveis de relações interiores, com outros de sua espécie, com outros de outras espécies e com o seu ambiente natural. Seres, portanto, progressivamente dotados cada vez mais de correspondentes graus e modos de consciência. Seres capazes de alternativas de experiências e trocas cada vez mais amplas e mais abertas, amplas e densas. Não se trata de afirmar que o macaco é como indivíduo e como espécie superior ao lagarto, o lagarto superior à ameba, e a ameba superior ao jatobá, mas afirmar que do jatobá ao macaco a Vida preenche e realiza seres interior e interativamente dotados de uma organização de si-mesmo cada vez mais complexas. Seres dotados de uma interiorização mais complexa e, por consequência, mais livre de consciência.

De um mínimo musgo em uma pedra a um pássaro, de um pássaro a um chimpanzé, e do chimpanzé ao homo cada ser e cada espécie de seres da Vida são complexos e completos em si-mesmos(as). Toda a comparação entre seres e espécies da Vida é sempre uma aproximação imperfeita e, não raro, indevida.

Somos todos seres, unidades e coletividades que partilham de um mesmo único fluxo da matéria-energia e, em no caso dos Seres da Vida, partilhamos o fluxo de uma mesma única e diversa realidade.

14°. Quando a vida semeia o Homo na Terra, desde os primeiros hominídeos, surgidos no coração da África há mais de três milhões de anos atrás, surge uma espécie de Ser da Árvore da Vida que toma uma direção ascendente diferente de todas as experiências anteriores da Vida. A partir de espécies originalmente diversas e não-reprodutivas entre elas, o ser humano passo-a-passo (passos que

levam, primeiro, milhões e, depois, milhares de anos) converge em direção a uma espécie única. Esta é uma diferença entre nós, os humanos e outros primatas com quem compartilhamos ramos muito próximos na Árvore da Vida. Enquanto os macacos desdobraram-se em múltiplas espécies diversas umas das outras, enquanto os símios diversificaram-se em algumas poucas, nós, os animais-humanos evoluímos em direção a uma diversidade convergente e, assim, convergimos até à existência de uma única espécie.

Conhecemos bem a polêmica entre os paleontologistas, sobre se somos a descendência do “Homem de Neandertal” ou se somos uma “outra espécie” que surge após uma longa era de glaciação na Terra, e que finalmente nela se instala como representante única do Homo. O que é conhecido é que desde momentos originários, na rama da Árvore da Vida onde surgimos e nos agrupamos e evoluímos há uma tendência ascendente à convergência.

Mas, bem depressa, acima dessa ramificação primitiva, certos efeitos de aproximação tornam-se manifestos. Desde o fim do Paleolítico o grupo sapiens, não obstante suas múltiplas ramificações (Branços, Amarelos, Negros...), já forma um só sistema solidário. Assim surge e se instala um movimento de desdobramento ou de convergência, em que creio reconhecer, no decorrer de duas fases sucessivas (uma expansiva, e outra compreensiva), a característica mais essencial do Fenômeno Humano. 24.

Algumas idéias vindas de Marcos Arruda em seu livro *Humanizar o infra-humano*.

Até aqui, salvo algumas exceções, o Ser Humano tem sido tratado pela ciência como uma espécie situada fora, à margem ou acima da Natureza. A própria oposição natureza X cultura, que se desdobra em seres da natureza (todos os outros) X ser da cultura (apenas o Homo) encarna bem esta visão tão corriqueira entre nós.

Duas posições que des-situam o Homo de seu mundo: a) estar “pairando” acima da Natureza como se ao invés de ser a sua realização, ele fosse o oposto do que é na teia da vida: um ser intrinsecamente... natural ; b) estar à sua margem, como um mero acidente ocasional e passageiro da Vida na Terra.

Uma visão integradora de todas as ciências deveria partir de situar o Ser Humano no seu todo como uma espécie que por inteiro “nasceu no mundo”. Surgiu materialmente de interações de matéria-energia do Cosmos, aqui na Terra. E tem desde os seus ossos até a sua capacidade de sentir, de pensar, de imaginar, as suas origens não apenas na Terra, mas na concreta materialidade da Terra.